

# Saudade, imigração e a construção de uma nação (portuguesa) desterritorializada\*

Bela Feldman-Bianco\*\*

*O caráter de transnacionalização das migrações internacionais tem sido objeto de estudo na atualidade, mas não se pode deixar de considerar e enfatizar o processo concomitante da transnacionalização e insularidade.*

Desde a era dos descobrimentos nos séculos XV e XVI, o mundo – mais do que os limites territoriais do estado-nação – constitui a unidade espacial dos portugueses. Seja enquanto descobridores e colonizadores de novas terras ou como mão-de-obra migrante, o movimento de pessoas através do mundo é uma realidade constitutiva da experiência portuguesa.

Saudade, uma palavra originada no século XVI, está associada a essa constante peregrinação portuguesa pelo mundo (1). Enquanto construção cultural, a saudade define a identidade portuguesa no contexto de múltiplas camadas de tempo e espaço.

De um lado, como parte constitutiva do “eu” ou da pessoa, a saudade

tende a ser caracterizada como “a experiência desenraizada localizada entre as memórias do passado e o desejo do futuro” (2) ou, simplesmente, no dizer de um jovem imigrante, como “as memórias que tocam a alma” (3). Estas memórias estão intrinsecamente associadas às camadas de tempo e espaço anteriores à emigração, ou seja à “saudade da terra”. A reinvenção destas memórias, no contexto de experiências específicas de migração, vida e trabalho na intersecção de culturas, molda a construção da identidade no nível do “eu” e eventualmente reforça identidades regionais que se contrapõem à identidade nacional (4).

Por outro lado, como parte constitutiva da memória coletiva de Portugal, a saudade é narrada como sendo “a

\* Resumo modificado do artigo *Multiple layers of time and space: the construction of class, race, ethnicity and nationalism among Portuguese immigrants*, da mesma autora, publicado em 1992 (ver referência bibliográfica).

\*\* Unicamp, Departamento de Antropologia.

essência do caráter nacional português" e, portanto, como sinônimo da *portugalidade* (5). Temporalmente, este imaginário volta-se à era dos descobrimentos e à subsequente história da imigração, abrangendo espacialmente as explorações marítimas e a separação de parentes espalhados pelo mundo.

Ao focalizar a construção cultural da saudade, o meu propósito é o de contribuir ao atual debate sobre transnacionalismo e transmigração. Com este intuito, baseando-me em dados oriundos de pesquisa de campo realizada em Portugal e em New Bedford, uma cidade industrial de New England, U.S.A, proponho-me a examinar: de um lado, como as tentativas feitas pelo Estado pós-colonial português no sentido de criar uma nação desterritorializada – abrangendo as suas populações dispersas pelo mundo – estão enraizadas na reinvenção da memória coletiva da saudade; e, por outro, como imigrantes diferencialmente visualizam a saudade, enquanto base de suas identidades individuais e coletivas, no contexto de suas experiências específicas na intersecção das culturas portuguesa e americana. Ao adotar o enfoque teórico e metodológico de Glick-Schiller, Bash e Blanc-Szanton (1992), o meu objetivo é trazer uma perspectiva histórica às pesquisas recentemente realizadas, que indicam que imigrantes estão gradativamente se transformando em cidadãos transnacionais e, por conseguinte, "criando um campo único de ação social que une a sociedade de origem e a de recepção em uma construção social única" (Glick-Schiller et al, 1992:30). Como estas descobertas empíricas são resultados de pesquisas sobre os assim chamados "novos imigrantes" (principalmente aqueles que emigraram do Caribe, da Ásia e da Índia), analistas tenderam a delimitar os seus estudos tão-somente ao período que abrange "a reestruturação da desindustrialização" americana. Muito embora estes "novos imigrantes" tivessem progres-

sivamente substituído os europeus como o maior contingente de mão-de-obra para os Estados Unidos, sucessivas gerações de portugueses continuaram a deslocar-se para New Bedford e cidades circunvizinhas. Desde a década de 1920, constituem o maior grupo étnico da cidade, compondo atualmente 60% dos 110.000 habitantes locais. A renovação contínua da emigração portuguesa para New Bedford permite, portanto, um exame detalhado dos padrões de continuidade e de mudança entre imigrações do passado e do presente no contexto da emergência de uma nação portuguesa espacialmente desterritorializada.

Ao iniciar a minha análise histórica, deparei-me com dados um tanto paradoxais: de um lado, as estruturas domésticas indicavam que, tanto no passado quanto no presente, as experiências vividas por imigrantes portugueses estendiam-se entre os Estados Unidos e Portugal. No contexto deste padrão dominante, houve, desde a década de 1970, tanto a intensificação de formas antigas quanto a emergência de novas formas de transnacionalismo. Ao mesmo tempo, a minha análise de eventos da vida cotidiana bem como o exame da organização social dos portugueses de New Bedford levaram-me a identificar um aumento de sua insularidade enquanto grupo étnico da cidade. Embora, à primeira vista, estes fenômenos possam parecer contraditórios, os padrões aparentemente paradoxais são de fato o resultado de uma mesma dinâmica. O processo de internacionalização da economia mundial está sendo acompanhado por novas formas de se imaginar comunidades políticas. Estas novas visões de comunidades políticas podem ser espacialmente dispersas, sendo que, em qualquer local, as tendências globais podem refletir um crescimento de insularidades étnicas. Portanto, este ensaio destina-se a desvendar esse paradoxo no contexto de mudanças na economia mundial e da conseqüente emergência,

tanto em Portugal quanto nos Estados Unidos, de novas políticas de controle de migrantes internacionais.

#### **A reinvenção da saudade e a criação de uma nação portuguesa espalhada pelo mundo**

Como Eduardo Lourenço (1978) argutamente observou, desde a Primeira República a construção da nação portuguesa (incluindo sucessivos nacionalismos) tem como prâxis o papel desempenhado por Portugal durante os descobrimentos, bem como seus territórios além-mar, reais ou míticos. Como parte desse imaginário, Camões, devido ao seu poema-épico *Os Lusíadas*, foi transformado na personificação mítica da nação e do patriotismo lusitano (Lourenço, 1978). Após a Revolução de 1974 e a perda das últimas possessões ultramarinas, o Estado pós-colonial distanciou-se das ideologias prevaescentes que glorificavam a "raça lusitana" e um "Portugal colonizador" (Lourenço, 1978). Contudo, essas experiências continuaram a ser enaltecidas e reinventadas pelo Estado português. Conjuntamente com os planos de se celebrar, até o ano 2000, o Quingentenário das Descobertas Portuguesas, a imagem de Camões passou a ser associada a um "Portugal Imigrante". O Dia 10 de Junho, anteriormente conhecido como o "Dia de Camões e da Raça Lusa" foi reinventado como o "Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas" e, dessa forma, transformado em uma celebração das "comunidades portuguesas disseminadas pelo estrangeiro" (6).

Em um decreto-lei que institucionalizava a Comissão Organizadora do Dia de Portugal em 1978, o Presidente da República justificava a escolha do dia 10 de junho para essa celebração, nos seguintes termos:

*O Dia 10 de Junho, Dia de Camões e das Comunidades, melhor do que nenhum outro, reúne o simbolismo necessário à representação do Dia de Portugal. Nele se aglutinam em harmoniosa sintonia a Nação Portuguesa, as comunidades lusitanas espalhadas pelo Mundo e a emblemática figura do épico genial. (Comissão Organizadora do Dia de Portugal, Relatório, 1978:5)*

Ainda no ano anterior, ao explicar as razões para a institucionalização do Dia de Portugal, o Presidente da República afirmava:

*As comunidades portuguesas disseminadas pelo estrangeiro são uma realidade de grande relevância para o nosso país. Núcleos de compatriotas que se enquadram na vida de outras nações, conservando factores de atavismo pátrio e ligações à sua terra de origem, elas constituem uma presença portuguesa no estrangeiro e podem desempenhar importante papel nas próprias relações entre os povos. São estas realidades que se pretendam incrementar com a instituição do Dia das Comunidades, levando Portugal às suas diferentes comunidades e tornando estas mais conhecidas na sua nação de origem comum. (Comissão Organizadora do Dia de Portugal, Relatório, 1977:5)*

Para a primeira comissão organizadora do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, esta celebração teria como um de seus principais objetivos:

*concorrer para a efectivação de uma real unidade nacional, entendendo-se no seu sentido mais lato, isto é, entendida nação mais como população do que como território, apelando e incentivando o reconhecido sentido patriótico dos membros das comunidades. (Comissão Organizadora do Dia de Portugal, Relatório, 1977:11, grifo nosso)*

Portanto, as comunidades espalhadas pelo mundo substituíram as antigas

possessões ultramarinas (o Portugal além-mar) na nova e mais ampliada construção de uma comunidade política imaginada como sendo espacialmente desterritorializada. Em agosto de 1980, o então ministro Sá Carneiro, baseando-se nesta nova construção, definia Portugal como uma "nação populacional espalhada pelos quatro cantos do mundo", afirmando:

*(...) só poderemos sobreviver, só (...) poderemos acreditar em Portugal, e no seu futuro, se nos concebemos como nação que abrange os residentes e os não residentes, todos tratados em pé de igualdade. Mas se a nação é isto, então como pode o Estado e a Constituição, que é a Constituição da nação, espartilhar os direitos do emigrante? ser concebidas apenas com residentes? (in Aguiar, M., 1986: 5 e 6)*

Com o ingresso de Portugal na Comunidade Européia, em conformidade com a construção emergente de uma nação espacialmente desterritorializada, seus migrantes internacionais finalmente adquiriram direitos à dupla cidadania e ao voto. Posteriormente, em 1985, no contexto de uma reunião do Conselho da Europa realizada em Estocolmo, a Dra. Manuela Aguiar, na época secretária de Estado das Comunidades Portuguesas, justificava esta construção mais ampla de nacionalidade nos seguintes termos:

*Migração, a mudança do país de residência, dá origem a novas ligações, novos laços, novas fidelidades. Mas isso não significa, do nosso ponto de vista, que não se mantenham como elemento estrutural da identidade do indivíduo, o elo profundo que o liga à terra e à cultura dos seus antepassados. Será vantajoso, portanto, para os estados, regularem entre si as consequências desses duplos laços (in Aguiar, M., 1986: 362)*

A criação dessa nação espacialmente desterritorializada reflete redefinições dramáticas de políticas de emigração. Até pelo menos meados de 1940, emigrantes – considerados cidadãos de segunda classe – eram caracterizados como "aqueles passageiros de barco, viajando de segunda e terceira classe" (Ribeiro, 1987). Mesmo após a revogação desta definição, entidades governamentais – ainda considerando a emigração "um mal necessário" e a emigração ilegal como crime –, continuaram a enfatizar políticas fiscais. Em contraposição, na década de 1960, o governo colonial português, levando em consideração a divisão internacional do trabalho, começou a implementar políticas de emigração no contexto da política nacional do trabalho. Com a criação, em 1965, de um serviço nacional de emigração, o governo português estabeleceu as normas de emigração e retorno, ficando responsável pelo recrutamento e colocação de seus trabalhadores migrantes (Ribeiro, 1986). Mas, independentemente das mudanças de políticas em relação às suas populações desterritorializadas – do controle fiscal ao controle da oferta do trabalho – sucessivos nacionalismos exacerbados glorificando a "raça lusitana" continuaram a enfatizar a manutenção unilateral da cultura e língua portuguesa e, portanto, da identidade exclusivamente portuguesa no espaço da imigração. Somente após a Revolução de 1974, mudanças de ideologia (e, conseqüentemente, de formas de controle sobre essas populações) alteraram drasticamente o status dos emigrantes. Neste sentido, um discurso proferido pela Dra. Manuela Aguiar sugere que estas mudanças fundamentem-se também no reconhecimento da emergência de uma nova ordem econômica mundial, dentro da qual Portugal se insere enquanto país de emigração.

*(...) na actualidade, a emigração já não é uma consequência só imputável às*

*condições próprias e intrínsecas dos povos que tradicionalmente calcorream o Mundo em busca do futuro; mesmo que transformações significativas de estrutura tenham neles ocorrido, estejam em curso ou sejam previsíveis no futuro imediato, não se vê que atinjam expressão bastante para impedir que as leis do mercado internacional do trabalho – que é do que se trata agora, continuem a canalizar para determinados países os trabalhadores dos países economicamente mais débeis – e preferencialmente os mais qualificados". (in Aguiar, M., 1986: 15)*

No contexto do ingresso de Portugal na Comunidade Européia e do reconhecimento de "que os complexos componentes de uma política imigratória extravasam uma perspectiva puramente laboral" (Aguiar, M., 1986: 19), o Estado transferiu os serviços de emigração ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, que passou a enfatizar os direitos humanos de seus trabalhadores internacionais, ao invés da simples oferta de trabalho. Além do mais, tendo em vista a unificação da Europa e o "trânsito livre destes trabalhadores" nos países que fazem parte da Comunidade Européia, o termo "imigrante" foi abolido e substituído pelas expressões "portugueses fora de Portugal" e "portugueses espalhados pelo mundo".

Imigrantes portugueses sempre foram estigmatizados e discriminados tanto em Portugal quanto nos países de recepção. Ao designá-los "portugueses fora de Portugal", o governo pós-colonial estava também estabelecendo novas alternativas culturais para os migrantes. Anteriormente, aqueles que retornavam à Portugal eram vistos como estrangeiros que haviam assimilado a cultura do país para o qual tinham imigrado. Mesmo atualmente, na vida cotidiana de Portugal continuam a ser pejorativamente cognominados de "franceses", "canadenses", "brasileiros", "americanos" etc. Entretanto, desde o final da década de

1980, quando receberam direitos à dupla cidadania e ao voto, os imigrantes portugueses (ou melhor, os "portugueses fora de Portugal") têm uma dupla responsabilidade: a de se integrar à sociedade de "recepção" sem se assimilar e a de estabelecer a "presença de Portugal no mundo".

Com a inclusão dos imigrantes na imaginação de uma nação espacialmente desterritorializada, o governo central criou o Ministério de Comunidades Portuguesas com objetivo de reforçar: a persistência da cultura e língua portuguesa no mundo; a cooperação econômica, social e cultural entre as comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo bem como entre estas comunidades e as diferentes regiões de Portugal. Divisões similares foram criadas pelas regiões autônomas dos arquipélagos da Madeira e dos Açores, e – mais recentemente – um ministério mundial de comunidades portuguesas (com a participação de representantes de diferentes comunidades portuguesas).

O reconhecimento, pelo Estado pós-colonial português, do caráter transnacional da imigração portuguesa encontra eco na poética formulação de Fernando Pessoa, para quem "um português que é somente um português não é um português", pois, como Eduardo Lourenço, valendo-se de uma metáfora de Teófilo, contextualiza "Portugal é uma 'nação-navio' (ou um 'navio-nação') dentro do qual os portugueses já nascem embarcados" (Lourenço, 1978). Este imaginário está também presente na poesia de imigrantes. Considerem este poema de João Teixeira Medeiros, um poeta de 85 anos de idade, de fato "um português que não é somente um português" (e, portanto, um verdadeiro português na concepção de Pessoa), que, nascido em New England, emigrou para os Açores aos 9 anos de idade e retornou, aos 22 anos de idade, à New England, onde ainda reside:

A palavra saudade  
quem a sentiu quem a fez  
Fê-la caber à vontade  
no coração português

Tem alegria e tristeza  
tem sentimento e tem voz  
É toda bem portuguesa  
é toda filha de nós

Tempera nações inteiras  
Convive com toda a gente  
onde houver lusas bandeiras  
a saudade está presente

Andou conosco nos mares  
atravessou mil sertões  
Anda agora pelos ares  
conosco nos aviões

A saudade Deus nos valha!  
Tem um poder tão profundo  
É tufão que nos espalha  
pelos cantinhos do mundo.

#### **A (re)construção da identidade portuguesa em um espaço transnacional**

New Bedford é um dos inúmeros "cantinhos" portugueses espalhados pelo mundo. Enquanto tal, faz parte de uma rede de enclaves portugueses de New England, um espaço transnacional que Onézimo T. de Almeida cognomina de "L(U.S.A.)lândia"

"uma porção de Portugal rodeada pela América por todos os lados, (...) uma nação especial composta por comunidades que não são nem Portugal nem a América... (que são) uma mistura de duas culturas, um mundo entre Portugal e a América" (198-231)

Ha mais de um século, a migração de mão-de-obra, as redes transnacionais formadas por relações de parentesco (incluindo padrões de casamento inter-

nacional), a circulação de bens materiais e simbólicos e a constante reinvenção de múltiplas camadas de tempos e espaços portugueses em um cotidiano americano une este "mundo entre Portugal e a América" em uma construção social única (7). Ao focalizar a inter-relação entre transnacionalismo e insularidade, examinarei os processos históricos e os significados culturais através dos quais este mundo entre "Portugal e América" transformou-se, de fato, em um "território" português fora de Portugal.

Estimativas sugerem que atualmente 60% dos 110.000 habitantes de New Bedford são de origem portuguesa. Esta percentagem inclui os assim chamados luso-americanos (descendentes dos imigrantes que se fixaram em New Bedford em vários períodos históricos), muitos dos quais casados com membros de outros grupos imigrantes (franco-canadenses, ingleses, poloneses, italianos etc); portugueses nascidos nos Estados Unidos que, juntamente com os seus pais, mudaram-se para Portugal, seja anteriormente ou durante a Grande Depressão, e que retornaram à New Bedford a partir da década de 1960; e também novos contingentes de imigrantes e seus descendentes, a maioria dos quais está ligada, por relações de parentesco, aos contingentes mais antigos de imigrantes e seus descendentes. Adicionalmente, esta percentagem ainda inclui os cabo-verdeanos, que, anteriormente à independência de Cabo Verde, faziam parte da comunidade portuguesa de New Bedford.

Atualmente os portugueses de New Bedford são bastante diferenciados, tanto em termos sócio-econômicos como educacionais. Enquanto 50% da população imigrante é constituída por operários, luso-americanos (i.e., descendentes de imigrantes) bem como segmentos da população imigrante estão representados nos diferentes setores de atividades da região. Entretanto, apesar dos números, imigrantes portu-  
gue-

ses têm representação inexpressiva nos altos escalões governamentais, permanecendo à margem da estrutura de poder local. De fato, a maioria dos imigrantes, segregada e segregando-se, vive suas rotinas diárias nos enclaves portugueses de New Bedford.

"Olá como vai...chegou a minha hora de partir" (8) é a sentença inicial de uma canção migrante que narra como a emigração é constitutiva do cotidiano português. Em inúmeras regiões de Portugal e principalmente nos Açores, a aquisição de cidadania americana – bem como acesso, através de parentesco e casamento, aos "papéis americanos" – constitui uma estratégia valiosa que possibilita a indivíduos e famílias viverem entre Portugal e Estados Unidos. Portanto, não é por acaso que descendentes de imigrantes – nascidos nos Estados Unidos mas que retornaram com os seus pais para Portugal antes ou após 1930 – e seus parentes que não voltaram constituam o maior elo conector entre os diversos contingentes de portugueses que emigraram antes da Grande Depressão e após 1960 para aquele país. Mesmo durante a década de 1960, em um período em que o governo português estava tentando redirecionar o movimento da mão-de-obra migrante portuguesa para a Europa, redes de parentesco continuaram a possibilitar a ida de novos contingentes portugueses (principalmente dos Açores e, em menor proporção, de Portugal continental) para os Estados Unidos.

Neste contexto, a chegada contínua, nos Estados Unidos, de migrantes portugueses ligados por laços de parentesco foi facilitada, entre as décadas de 1960 e 1980, por políticas governamentais americanas que estimulavam a migração em cadeia. Estas políticas inclusive possibilitaram a famílias inteiras reunirem-se em New England, e, ao mesmo tempo, reforçaram a estratégia familiar de escolha de cônjuges para filhos e filhas na terra natal.

Com o advento, nos Estados Unidos, do seguro-saúde (que data da década de 1930) e a posterior implementação de benefícios de saúde para a terceira idade (na década de 1960), houve uma reformulação do "ideal de retorno" entre os novos contingentes de imigrantes portugueses: da acumulação rápida de capital à obtenção de aposentadoria e, portanto, ao usufruto da estrutura americana de benefícios sociais. Esta reformulação de objetivos resultou em adiamentos constantes dos planos de regresso à terra natal, reforçando assim a fixação permanente de segmentos consideráveis da população imigrante assalariada nos Estados Unidos. Mas, tendo em vista a continuidade do sonho de regresso, muitos "novos" imigrantes mantiveram suas casas, terras e mesmo carros no país de origem. Paralelamente compraram, tão logo puderam, uma casa nos Estados Unidos, simbolizando, de acordo com suas próprias palavras, seu acesso a "um pedaço do sonho americano".

Ao mesmo tempo, principalmente após terem adquirido direitos à dupla cidadania, e tendo em vista a melhoria de condições de vida em Portugal, imigrantes aposentados começaram de fato a retornar à terra natal, enquanto seus descendentes (imigrantes e luso-americanos) continuaram a viver nos Estados Unidos. Após o regresso, estes aposentados tendem a viver simultaneamente entre Portugal e os Estados Unidos, usufruindo plenamente de seus direitos à dupla cidadania (que em muitos casos inclui dupla e até tripla aposentadoria), bem como de propriedades e investimentos acumulados nos dois países. Essa tendência está aparentemente se intensificando no contexto da atual recessão americana.

Tendo em vista os padrões da família extensa portuguesa, este fenômeno possibilitou a intensificação de uma estrutura familiar transnacional, através da qual decisões da vida coti-

diana abrangem e dependem de familiares vivendo em Portugal e nos Estados Unidos. Neste contexto, a incorporação progressiva de Portugal na economia mundial e a melhoria dos padrões de vida em diversas regiões portuguesas também possibilitaram a intensificação de visitas de parentes residentes em Portugal à New Bedford e de circulação de bens materiais e simbólicos. Histórias orais e também a literatura portuguesa trazem à tona memórias da chegada, nas vilas distantes de Portugal, de baús cheios de bens materiais com "cheiro da América". Faz parte da cultura imigrante dispendir tempo e dinheiro com presentes para, anualmente, enviá-los em um baú aos parentes em Portugal. Por meio desses baús, imigrantes simbolicamente afirmam a sua mobilidade social nos Estados Unidos e, ao mesmo tempo, sua proeminência na terra natal. Atualmente, entretanto, seus parentes em Portugal, que obtiveram mobilidade social ascendente, requisitam produtos americanos específicos, marcando a transnacionalização do consumo e da economia doméstica.

Estas redes transnacionais que distinguem os portugueses de New Bedford como membros de uma nação espacialmente desterritorializada acabam também por demarcar, assim, a insularidade desses imigrantes na vida social daquela cidade. Símbolos do passado português – de fato, de diferentes camadas de tempo e espaço – são parte constitutivas dos enclaves portugueses da cidade. Por exemplo, na área privada das casas, camadas de tempo portuguesas e americanas superpõem-se espacialmente. Em geral, o *downstairs* (andar térreo) constitui área principal de interação social e de práticas sociais relacionadas às experiências de vida nas aldeias e cidades de Portugal. Em contraposição, o *upstairs* (andar superior) tende a concentrar símbolos do consumo americano. Enquanto durante o ano os turnos de trabalho fabril marcam a vida

de muitos durante o verão, tal qual no final da época da colheita em Portugal, migrantes de origem rural continuam a ritualizar as suas memórias da terra natal por meio de uma sucessão de festas folclóricas regionais. Sobrepondo-se às inúmeras associações voluntárias regionais, as celebrações do "Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas", juntamente com os eventos patrocinados pela Prince Henry Society (uma espécie de Rotary Club), trazem à tona a era das descobertas portuguesas no presente americano.

Essa contínua incorporação e superposição de várias camadas do passado no presente talvez seja característica de enclaves imigrantes em qualquer parte do mundo. Aparentemente, estes territórios, parecendo reproduzir fotografias de tempos e espaços já vividos, podem ser interpretados como mera nostalgia. Entretanto, estas camadas de tempo e espaço, sobrepondo significados e valores culturais que estão muitas vezes em conflito, são representações dinâmicas da forma pela qual migrantes percebem e confrontam mudanças nas suas condições de existência.

Na reconstrução da identidade no nível do "eu" ou da pessoa, a memória histórica coletiva pode, em algumas circunstâncias, perpassar interações com a sociedade americana, principalmente em situações de discriminação. Sentimentos de auto-estima tendem a ser reafirmados através de comparações entre a história dos Estados Unidos e o passado mítico português, tais como "A América é jovem. Quantos anos tem a América?" E afinal, quem descobriu a América? (uma alusão à chegada dos irmãos Côrte-Real à América, anteriormente a Colombo) e "Afinal, quem são os americanos?" (uma alusão ao fato de considerarem que não há verdadeiros americanos nos Estados Unidos, a não ser os índios). Reconstruções de identidade, mediadas pelas representações simbólicas de diferentes camadas do



tempo português, variam de acordo com a classe social, região de origem, geração e gênero. Principalmente aqueles homens e mulheres cuja história de imigração abrange a transição de atividades pré-industriais orientadas pela tarefa em Portugal para o trabalho industrial nos Estados Unidos tendem a desenvolver uma nostalgia romântica, ou saudade da terra, pelo seu passado imediato de trabalho não-industrial (9). A reinvenção do seu passado imediato reflete suas experiências e percepções dos diferentes ritmos e significados de tempo, trabalho e vida em Portugal e nos Estados Unidos – de ritmos mais naturais de tempo para o tempo disciplinado do capitalismo industrial (Thompson, 1966). Essa nostalgia romântica de um tempo em que o trabalho estava entrelaçado com as múltiplas dimensões da interação social proporciona significado às vidas difíceis, marcadas por mudanças abruptas, representando, por conseguinte, uma estratégia para resistir à imersão total ao tempo industrial. Portanto, não é por acaso que estes imigrantes tendem a relembrar somente os aspectos benéficos de suas vidas antes da emigração (Scott, 1985) (10). No contexto de mudanças dramáticas causadas pela imigração e pelas pressões impostas pelas regularidades do trabalho industrial, a terra natal (que é lembrada em termos de suas vidas nas vilas ou regiões de origem) transforma-se em utopia. Essa nostalgia romântica é ainda traduzida em práticas sociais vinculadas ao passado de trabalho não-industrial, tais como plantio de hortas, o fazer do vinho, a costura e os bordados. Enquanto durante o seu turno de trabalho, esses imigrantes transformam-se em proletários, no seu tempo livre continuam a ser lavradores e artesãos. Acima de tudo, estas representações simbólicas e práticas sociais de seu passado de trabalho não-industrial proporcionam a base de sua reconstrução enquanto açorianos, madeirenses

e continentais, demarcando assim suas fortes identidades regionais. De fato, na vida cotidiana, estas identidades regionais tendem a ser mais fortes que a identidade nacional portuguesa, com a qual muitas vezes chegam a entrar em conflito.

Mas o passado não é um assunto envolvendo apenas memórias desvanecidas e sentimentos supérfluos. Ao passado são incorporadas novas imaginações e reinvenções da identidade portuguesa produzidas por ambos, o Estado português e a população transnacional. Considerando-se um povo espalhado pelo mundo, imigrantes portugueses usam, da melhor maneira possível, seus direitos à dupla cidadania. No contexto da crescente internacionalização do capital, suas ações, interações e estratégias resultaram na emergência de novas formas de transnacionalismo. Esses imigrantes reelaboraram diferencialmente sua *portugalidade* no contexto de suas experiências concretas de migração, de mudanças de hábitos de trabalho e da interligação de suas vidas vividas entre Portugal e os Estados Unidos.

Em contraposição, os descendentes de imigrantes e os imigrantes mais jovens que conseguiram ascensão social, educacional e econômica tendem a justapor as suas identidades portuguesa e americana (justaposição essa refletida em hifenizações como "Portuguese-American" ou "luso-americano") ou mesmo a optar por uma identidade americana. Na vida cotidiana, as ações e interações entre as lideranças migrantes bem como entre estas lideranças e as luso-americanas são demarcadas por clivagens endêmicas que expressam conflitos de identidade e interesses diversos (em termos de classe social, região de origem, geração e gênero). Entretanto, principalmente desde inícios da década de 1980, lideranças luso-americanas, muitas vezes aliadas a imigrantes que galgaram posições de poder econômico, em nome de uma "comunidade

portuguesa" quiçá fictícia (pois devido à sua heterogeneidade é provavelmente inviável enquanto "comunidade"), tenderam a reinventar a era dos descobrimentos portugueses em suas mobilizações enquanto grupo étnico na sociedade pluralística americana.

Essa reinvenção da etnicidade calçada na era das descobertas difere flagrantemente do passado (11), quando imigrantes e luso-americanos eram forçados a confrontar-se com duas ideologias nacionalistas exacerbadas, que competiam entre si: enquanto sucessivos nacionalismos portugueses glorificavam a "raça lusa" e demandavam a manutenção exclusiva da cultura e língua portuguesa, a ideologia americana do *melting pot* enfatizava a supremacia da sociedade americana e pressionava os imigrantes a assimilarem os modos de vida americanos. Diante destes dois nacionalismos exacerbados, aqueles imigrantes e luso-americanos que tentavam conseguir ascensão social e política nos Estados Unidos tendiam a optar pela rejeição ou invisibilidade da identidade e da ancestralidade portuguesa.

Desde a década de 1970, num contexto de crescente transnacionalização da economia mundial, Portugal e Estados Unidos mudaram as suas políticas de controle em relação às populações migrantes. Enquanto o Estado pós-colonial português ampliou as suas construções de "nação" e "nacionalidade", nos Estados Unidos já predominava o pluralismo cultural, uma ideologia que, embora reconhecendo a persistência da cultura portuguesa, continuava a encorajar a incorporação de imigrantes dentro da nação americana. Essa mudança de ideologias resultou, em última análise, na politização da etnicidade.

Portanto, com a emergência de novas ideologias americanas e portuguesas em relação às suas populações migrantes, começou a ocorrer um processo inverso ao do passado. Isto pode ser ilustrado pela formação de organiza-

ções como a Prince Henry Society, uma espécie de Rotary Club formada por profissionais liberais, industriais e comerciantes imigrantes e luso-americanos. Uma das poucas associações que consegue reunir açorianos, madeirenses, continentais e luso-americanos, a Prince Henry Society almeja alcançar posições políticas, sociais e econômicas na região. Com este intuito, enfatiza a reinvenção da memória das descobertas e a promoção da cultura portuguesa (de "elite") na região. Além de homenagear cidadãos que se destacaram na vida de New Bedford, inclusive o "imigrante do ano", a Prince Henry Society ainda organiza concertos de música clássica, exposições de arte e conferências. A sua ênfase na "cultura de elite" tem como objetivo enaltecer a própria condição de classe de seus associados (bem como o seu papel de representantes de Portugal em New Bedford) e, ao mesmo tempo, alterar a imagem dos portugueses como sendo camponeses e pescadores envolvidos em rituais de religiosidade popular.

As seguintes afirmações feitas pelo diretor da Portuguese Cultural Foundation (Fundação Cultural Portuguesa) de Rhode Island, por ocasião da inauguração, pelo presidente Mario Soares, de um monumento dedicado aos descobridores portugueses em Newport, sumaria o processo em curso:

*Como outras culturas, os portugueses não são simplesmente lavradores e pescadores. (Os portugueses) são portadores de uma grande herança. Um monumento como este permite, a quem estiver interessado, descobrir o mundo português da mesma forma que os portugueses descobriram o mundo da América há 500 anos. (Este monumento) é a culminação de um sonho onde o passado transforma-se no presente e no futuro. (East Bay Window, Newport, Rhode Island, 1 de março de 1989)*

Ao invés de denotar uma obsessão pelo passado histórico português, ou uma caracterização utópica do destino português, a reinvenção da era das descobertas na vida cotidiana americana representa uma construção cultural pragmática, que tem por objetivo melhorar a imagem de Portugal e dos imigrantes portugueses na região. Tanto o governo português quanto alguns segmentos das elites imigrantes e luso-americanas têm interesse nessa (re)invenção da tradição (de acordo com a definição dada por Hobsbawm ao termo). De um lado, o Estado português, através da intensificação de suas relações com as lideranças das "comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo" – entre as quais as de New England – procura estabelecer "a presença de Portugal no mundo". Por outro lado, as lideranças radicadas em New Bedford bem como em outras cidades de New England reinventam a tradição das descobertas a fim de melhorar suas posições no campo da política multiétnica americana e, assim, estabelecer-se, não como minoria, mas como parte das camadas dominantes da sociedade americana.

Entretanto, as novas políticas portuguesas e americanas intensificaram clivagens já existentes, à medida que diferentes grupos começaram a competir entre si para representar Portugal na região. Essas clivagens também refletem interesses regionais em Portugal, como as tentativas do governo regional dos Açores, de ganhar maior autonomia em relação às tendências centralizadoras do Estado-nação. Nesta conjuntura histórica, o governo açoriano, juntamente com intelectuais açorianos, residentes no arquipélago e no exterior, inventaram a tradição da "açorianidade", "uma maneira especial de ser português". Em New England, onde a população açoriana é a maior, a emergência da "açorianidade" aumentou clivagens regionais entre os cidadãos mais influentes, inclusive entre esta população. Ao mesmo

tempo, a invenção dessa tradição permitiu, ao governo açoriano, contar com o apoio dos açorianos influentes radicados em New England, para estabelecer acordos internacionais na região e também para ganhar acesso aos altos escalões da política americana. Nas tentativas para incorporar as suas populações dispersas, tanto o Estado português quanto o governo autônomo dos Açores constantemente homenageiam os seus mais influentes imigrantes e luso-americanos, os que galgaram um certa notoriedade nas suas esferas de atividade nos Estados Unidos.

Entrementes, a massa dos trabalhadores portugueses, mais vulneráveis aos ritmos do capitalismo, está se debruçando com o fechamento de fábricas locais, cortes de salário e desemprego. Como vimos, na sua vida cotidiana estes imigrantes tendem a imaginar Portugal em termos de suas vilas de origem ou da "micro-pátria" (Rocha-Trindade, 1987). Conseqüentemente, as representações simbólicas e as práticas sociais ligadas ao seu passado imediatamente anterior à emigração moldam suas identidades enquanto açorianos, madeirenses e continentais. Estas fortes identidades regionais são intensificadas por redes transnacionais que tendem a ser também regionalmente demarcadas. Apesar das clivagens regionais endêmicas, ainda mais intensificadas pelas atuais políticas portuguesas e americanas de controle destas populações, estes imigrantes, independentemente de suas origens regionais, mobilizam-se enquanto trabalhadores portugueses em luta por melhoria de salário e condições de trabalho. E muito embora tenham adquirido o status de "portugueses fora de Portugal", continuam a se perceberem como "imigrantes" que sofrem discriminação na força de trabalho americana. Enfrentando, na sua vida cotidiana, a transferência de fábricas locais para regiões do mundo onde a mão-de-obra é mais barata, estes imigrantes

estão se tomando cada vez mais conscientes de que sua presente vulnerabilidade é resultado do processo de "reestruturação da desindustrialização" ora em curso nos Estados Unidos. No contexto da melhoria dos padrões de vida em Portugal, eles estão, também, começando a constatar que o "sonho americano" – que para eles sempre representou a procura de um "futuro melhor" – talvez resida atualmente em Portugal e não mais na América.

### Conclusões

Em qualquer parte do mundo, imigrantes são conhecidos por suas elaborações de imagens da terra natal sentimentalizadas em canções, poesias e narrativas. Enquanto estes passados lembrados e reinventados funcionam como amortecedores do desenraizamento causado pela imigração, nos Estados Unidos transformam-se também no tecido da política de etnicidade. Imigrantes que galgam ascensão social e econômica participam do processo político nos Estados Unidos utilizando a reconstrução de seu passado para criar um esteio étnico multiclasse.

À primeira vista, parece possível ler a história dos portugueses de New Bedford como parte da história étnica dos Estados Unidos, analisando-os tão somente como um enclave dentro da sociedade americana. Entretanto, subjacente à aparente insularidade desses portugueses há uma série de paradoxos, através dos quais pode-se verificar que a etnicidade portuguesa é produto de forças que se estendem além da comunidade local e abrange os processos de (re)construção de nação tanto em Portugal como nos Estados Unidos. Torna-se óbvio, portanto, que a análise da identidade cultural desses migrantes portugueses requer uma leitura diferente da história da imigração portuguesa, uma história onde os processos de

(re)construção das nações portuguesa e americana têm um papel de destaque.

A constante recriação de memórias históricas, cristalizadas na construção cultural da saudade, tem suas origens nos processos de construção da nação portuguesa e representa uma continuidade das relações entre migrantes portugueses e o Estado português. E estes processos refletem e reinterpretam as mudanças das relações de Portugal com as forças capitalistas mundiais. Mas, ao mesmo tempo, migrantes portugueses, constroem a saudade em relação às suas experiências de migração, vida e trabalho nos Estados Unidos.

No passado, o processo de construção na nação americana procurou incorporar imigrantes através de assimilação, mas em um contexto onde as diferenças eram estigmatizadas. Como resposta, enquanto os que conseguiram ascensão econômica e social tenderam a optar pela assimilação, a maioria dos imigrantes desenvolveu e manteve redes transnacionais de parentesco, unindo suas vidas entre os Estados Unidos e Portugal em conjunto único de relações. Através dessas redes transnacionais, os imigrantes localizavam-se dentro de Portugal. Entretanto, como emigrantes de Portugal, eles eram também alvo de políticas e ideologias discriminatórias.

Na presente conjuntura do capitalismo, o Estado português redefiniu-se como uma nação desterritorializada, que incorpora sua população disseminada pelo mundo. A legitimização das redes transnacionais de migrantes tornou-se, portanto, crucial para esta redefinição. Neste mesmo período, os esforços dos Estados Unidos com vistas à incorporação de imigrantes tendem a estimular celebrações públicas de comunidades étnicas como pilares do tecido social americano. As estratégias incorporativas de ambos os Estados coincide com os interesses daqueles imigrantes e luso-americanos que conseguiram ascensão social, educacional e econômica. Os

membros deste extrato social procuram ganhar prestígio e posições enquanto representantes de um enclave étnico, utilizando, ao mesmo tempo, os benefícios que podem obter enquanto "representantes" da memória histórica de Portugal. Se é de valia para que os seus

compatriotas das camadas trabalhadoras sejam incorporados em dois mundos, cercados pelos símbolos de um passado glorioso mas com um futuro de possibilidades econômicas limitadas, é uma outra questão.

## Notas

- Este trabalho fundamenta-se em pesquisa etno-histórica que realizei em New Bedford e Portugal entre 1987 e 1991, graças ao apoio institucional que recebi da Universidade de Massachusetts-Dartmouth, onde ocupei a cátedra de professora-visitante em Estudos Portugueses (1987-1991). Diferentes versões deste trabalho foram apresentadas: na Columbia University (University Seminar on Cultural Pluralism), na Universidade de Coimbra (Centro de Estudos Sociais); na Brown University (Centro de Estudos Portugueses e Brasileiros), no Lehman College of the City University of New York, na New York Academy of Sciences, no II Congresso Luso-Afro-Brasileiro, realizado em São Paulo em agosto de 1992, e no Colóquio sobre Emigração e Imigração Portuguesa nos séculos XIX e XX (Fundação Gulbenkian, novembro de 1992). Também beneficiei-me dos diálogos estimulantes que mantive com Emília Viotti da Costa e David Montgomery sobre a minha pesquisa, bem como do enfoque desenvolvido por Nina-Glick-Schiller, Linda Basch e Cristina Blanc-Szanton para a discussão de migrações internacionais.
- (1) Para uma análise etimológica da palavra *saudade*, consultar Vasconcelos (1922).
  - (2) In Costa & Gomes (1976), pg. 112.
  - (3) Definição de um jovem imigrante que frequentou os meus cursos na Universidade de Massachusetts-Dartmouth.
  - (4) Definição baseada em minha pesquisa de campo.
  - (5) De acordo com o enfoque de Anderson (1983).
  - (6) Neste sentido, estou focalizando a saudade como (re)invenção da tradição, de acordo com a definição dada por Hobsbawm ao conceito, i.e, enquanto "conjunto de práticas tacitamente aceitas, e de um ritual ou natureza simbólica que tenta inculcar certos valores e normas de comportamento por repetição, o que automaticamente implica em continuidade do passado" Hobsbawm E. & Ranger (1983: 23, Introdução). Neste contexto, devo salientar que não faz parte do escopo deste trabalho discutir a relação entre saudade e saudosismo.
  - (7) Esta construção única abrange também redes de parentesco dispersas em outras partes do mundo. Assim, entre os açorianos, a densidade de relações sociais inclui parentes radicados na Califórnia (U.S.A), Canadá e Brasil; os continentais radicaram-se principalmente na Europa e no Brasil, e os madeirenses tenderam a fixar-se na Venezuela, África do Sul e Brasil.
  - (8) Canção de autoria de Dionísio Costa, um imigrante de Faial (Açores) radicado em Taunton, MA.
  - (9) Esta análise é baseada na distinção feita por E. P. Thompson (1967) entre "tempo-natural" e o "tempo disciplinado do capitalismo industrial".
  - (10) Neste sentido, toma-se necessário distinguir entre *memória* e *tradição*. Como Scott, sugiro que a reinvenção das memórias do passado estão diretamente ligadas aos conflitos do presente (Scott, 1985). Sobre o assunto, consultar também Williams (1973).
  - (11) Em meu artigo *Multiple Layers of Time and Space*, discuto em detalhes, a partir de

uma perspectiva histórica, os efeitos de políticas americanas e portuguesas na vida cotidiana e na mobilização política de

imigrantes portugueses radicados nos Estados Unidos.

### Referências bibliográficas

- AGUIAR, M. - 1986. *Política de emigração e comunidades portuguesas*. Porto, Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas (Série Migrações, Política, Relações Internacionais).
- ALMEIDA, O. T. - 1988. *L(U.S.A.)LANDIA: a décima ilha. Serviços de Emigração Angra do Heroísmo*.
- ANDERSON, B. - s. d. *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. London/New York, Verso.
- COSTA, D. L. P. da & GOMES, P. - 1986. *Introdução à saudade*. Porto, Lello & Irmão.
- FELDMAN-BIANCO, B. - 1992. "Multiple layers of time and space: the construction of class, ethnicity and nationality among Portuguese Immigrants". In: GLICK-SCHILLER, N. et al (ed.). *Towards a transnational perspective on migration: race, class, ethnicity and nationalism reconsidered*. Annals on the New York Academy of Sciences, v. 645, pp. 145-174.
- GLICK-SCHILLER, N. et al - 1992. "Transnationalism: a new analytic framework for understanding migration". In: GLICK-SCHILLER et al (eds.). *Towards a transnational perspective on migration: race, class, ethnicity and nationalism reconsidered*. v. 645, pp. 1-24.
- HOBBSBAWN, E. & RANGER, T. - 1983. *The invention of tradition*. Cambridge University Press.
- LOURENÇO, E. - 1978. *O labirinto da saudade*. Publicações D. Quixote.
- PEREIRA, M. G. S. - 1985. *A posição sócio-económica dos imigrantes portugueses e seus descendentes nos Estados de Massachusetts e Rhode Island*. Porto, Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas.
- RIBEIRO, F. G. C. - 1987. *Emigração portuguesa: regulamentação emigratória do liberalismo ao fim da Segunda Guerra Mundial (contribuição ao seu estudo)*. Porto, Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas - Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas (Série Migrações, Política, Relações Internacionais).
- \_\_\_\_\_ - 1986. *Emigração portuguesa: algumas características dominantes dos movimentos emigratórios no período de 1950 a 1984*. Porto, Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas - Centro de Estudos (Série Migrações, Sociologia).
- \_\_\_\_\_ - 1986. *Emigração portuguesa: aspectos relevantes relativos às políticas adoptadas no domínio da emigração portuguesa desde a última guerra mundial*. Porto, Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas (Série Migrações, Política, Relações internacionais).
- ROCHA-TRINDADE, M. B. - 1987. As micro-pátrias do interior português. *Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, vol. 23, 4: 721-732 (Terceira Série).
- SCOTT, J. C. - 1985. *Weapons of the weak: the everyday forms of peasant resistance*. Yale University Press, New Haven.
- SERRÃO, J. - 1982. *A emigração portuguesa*. Livros Horizonte, 4 ed.
- THOMPSON, E. P. - 1967. Time, work-discipline and industrial capitalism. *Past and Present*, 38.
- VASCONCELOS, C. M. - 1922. *A saudade portuguesa*. Porto, 2 ed.
- WILLIAMS, R. - 1973. *The country and the city*. Oxford University Press.
- OUTRAS FONTES - Jornais e Relatórios *East Bay Window* - 1989. Newport, Rhode Island, 1 de março.  
*Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas* - 1977 (Relatório).

**RESUMO – Saudade, imigração e a construção de uma nação (portuguesa) desterritorializada.** Neste ensaio, baseando-me em pesquisa etno-histórica (1910-1990) realizada em New Bedford, cidade industrial de New England, U.S.A, procurei desvendar um aparente paradoxo: de um lado, a análise de unidades domésticas indica que, a partir do final da década de 1970, houve uma intensificação de formas antigas bem como a emergência de formas novas de transnacionalização de famílias portuguesas; de outro lado, a observação de eventos comunitários sugere um aumento simultâneo e progressivo de "insularidade étnica". Estas tendências, embora aparentemente contraditórias, fazem parte de uma mesma dinâmica relacionada à crescente internacionalização da economia mundial, à mudança de políticas de controle sobre migrantes internacionais e à reconstrução de "comunidades políticas imaginadas" (cf. Anderson, 1983), que podem ser espacialmente dispersas.

**ABSTRACT – Saudade, immigration and the construction of a (Portuguese) desterritorialized nation.** Based on ethnohistorical research (1910-1990) conducted in New Bedford, an industrial town of New England, U.S.A, this paper is directed at unveiling an apparent paradox: on the one hand, the analysis of domestic structures indicated that there has been since the late 1970's both an intensification of old and the emergence of new forms of transnationalism among Portuguese families; and, on the other hand, the observation of grass-roots "community events" suggested a simultaneous and progressive increase of ethnic insularity. Although they may seem contradictory, the seemingly paradoxical trends can be shown to result from the same dynamics. This dynamics is related to the progressive internationalization of the world economy, nation-states changing forms of control over international migrants and the (re)construction of imagined communities (Anderson 1983) that may be spatially dispersed.

Recebido para publicação em 01/09/92  
Aprovado para publicação em 29/10/92